

## PRÁTICAS TEATRAIS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ÁTVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÉS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

RENATO FERRACINI  
RAQUEL SCOTTI HIRSON  
ANA CRISTINA COLLA  
Organização

# *Práticas teatrais*

Sobre presenças, treinamentos,  
dramaturgias e processos

EDITORIA  
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

P887 Práticas teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos /  
organização: Renato Ferracini, Raquel Scotti Hirson e Ana Cristina Colla. Campinas, SP:  
Editora da Unicamp, 2020.

1. Dramaturgia. 2. Expressão corporal (Teatro). 3. Atores – Treinamento. I. Ferracini,  
Renato. II. Hirson, Raquel Scotti. III. Colla, Ana Cristina. IV. Título.

CDD – 792  
– 784.932  
– 792.02

ISBN 978-65-86253-55-9

---

Copyright © Renato Ferracini, Raquel Scotti Hirson e Ana Cristina Colla  
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

Esta publicação conta com o apoio da Fapesp (processo n. 2019/17993-9)

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste livro são de  
responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da  
Unicamp ou da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Ao Lume, que é e vai sendo... sempre!*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Dorival e Natalina, que me ensinaram a ser! Ao meu irmão Alexandre, sempre presente! Aos artistas presenciais de todas as cores, credos e culturas, que fazem essa arte milenar estar sempre em pé! Flavio Rabelo, Sergio Resende Carvalho, Flávia Liberman, Elizabeth M. F. Araújo Lima, Yara M. de Carvalho e Alice Possani, que estão junto comigo em alguns escritos deste livro e também em inesquecíveis afetos, vinhos e risadas! E o mais importante: agradeço imensamente ao meu pequeno e amado Martín, que me deleita de vida a todo momento!

*Renato Ferracini*

Meu agradecimento é por sentir-me parte de uma “rede genealógica”. Meus pais alimentaram e alimentam a consciência dessa rede, da qual é impossível identificar um início; uma parte extensa dela se encontra no texto que apresento neste livro. Há, do meu ponto de vista, um núcleo trançado com nós bem apertados: Zenaide, João, Maria Cristina, Virgínia e Raquel. Há os que se enredaram num amor imenso: Jesser e Angela. Há os que vieram até de outros séculos e me viram enredar: Vó Ica, Tia Acidália, Tio Guy, Tio Afonso, Tia Myra, Tia Zélia, Leila, Ana Flávia e Wander. Há os que não me viram, mas eu os imaginei e trancei: Alphonsus e Zenaide de Guimaraens. Há as que fizeram da rede bordados: Cris e Suzi. Há os que trançam dançando: Simi, Ric, Renato e Naomi. E há aquela que costura na rede a potência de continuidade eterna: Teresa.

*Raquel Scotti Hirson*

Todas as mulheres que cruzaram meu caminho, de alguma maneira, fazem parte da matéria original que gerou esta escrita. A todas elas agradeço. Às que me provocaram, acarinharam, incentivaram. Mas, entre todas, algumas merecem

destaque: a primeira, minha mãe, pela vida e pelas “cebolas”, e, grudadinhas ali, Dona Maria, Dona Maroquinha, Luciana, Laranjeira, Madame Pacaembu, Rosângela e tantas outras que me contaram suas histórias e que aqui fazem presença. Sem elas, este texto seria outro.

Agradeço profundamente aos parceiros que gestaram comigo *SerEstando Mulheres*: Fernando Villar, Silvana Nascimento, Rodrigo Carinhana, Raquel Scotti Hirson, Renato Ferracini, Carlos Simioni, Maria Emília Cunha Alves e Francisco Barganian. Pelo encontro, que alarga e imprime sentido.

À minha pequena grande família, Dani, Manu e Pedro, pelo amor, imenso amor.

*Ana Cristina Colla*

Nosso agradecimento conjunto é dedicado a Carlos Simioni, Ricardo Puccetti, Jesser de Souza e Naomi Silmam, parceiros de criação, e aos funcionários e funcionárias do Lume, que são alma, corpo, pele, lágrimas e sorrisos destilados em cada palavra deste livro.

E por último, mas não menos importante, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e à universidade pública em geral, em especial à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pelo apoio constante e fundamental à pesquisa continuada; espaço de encontros e diferenças, aberta aos diversos campos do saber, onde a arte encontra respiro e fruição.



Não há conceitos incorrectos.  
Cada conceito é uma invenção da linguagem, uma tentativa de aproximação da linguagem às coisas.  
Não há invenções incorrectas.  
Não há invenções falsas como não há conceitos falsos.  
Verdadeiro e falso não são categorias aplicáveis aos conceitos.  
Útil e inútil, sim. Aceite por muitos e aceite por poucos, sim.  
Todas as invenções são verdadeiras [não te esqueças].

Gonçalo Tavares, *Breves notas sobre a ciência*, 2010, p. 97.



## SUMÁRIO

CARTA AOS LEITORES .....	13
APRESENTAÇÃO .....	21
1. LUME – UM GRUPO DE TEATRO E UM NÚCLEO DE PESQUISA	
ACADÊMICO: RELAÇÕES E CORRELAÇÕES .....	23
<i>Histórico</i> .....	23
<i>Pesquisa</i> .....	26
<i>Pesquisas de cenário artístico</i> .....	27
<i>Pesquisas de cenário conceitual</i> .....	28
<i>Pesquisas de cenário formativo</i> .....	29
<i>Extensão</i> .....	34
<i>Nota</i> .....	36
2. O CONCEITO/AÇÃO DE TREINAMENTO E SEUS DESLOCAMENTOS .....	37
<i>Deslocamento etimológico</i> .....	38
<i>Deslocamento ontológico</i> .....	42
<i>Deslocamento epistemológico</i> .....	46
<i>Do deslocamento conceitual à prática</i> .....	50
<i>Notas</i> .....	50
3. MARTÍN, RITORNELO E PRESENÇAS .....	53
<i>Notas</i> .....	71
4. PENSAR “COM” E RECRIAR NA MICROSCOPIA .....	73
<i>Notas</i> .....	83
5. UMA EXPERIÊNCIA DE CARTOGRAFIA TERRITORIAL	
DO “CORPO-EM-ARTE” .....	85
<i>A cartografia como percurso e terreno metodológico</i> .....	94
<i>Notas</i> .....	98
6. SOLO = COLETIVO .....	101

7. ENTREVISTAS .....	107
<i>Entrevista com Carlos Roberto Simioni</i> .....	108
<i>Entrevista com Jesser de Souza</i> .....	129
<i>Notas</i> .....	158
8. MÍMESIS CORPÓREA E PROCESSO DE CRIAÇÃO:	
ALPHONSUS DE GUIMARAENS, PALAVRA E MONUMENTO .....	163
<i>Carolina e o leão</i> .....	163
<i>Tateando meu encontro com Alphonsus de Guimaraens</i> .....	166
<i>“Fúnebre inauguração” e o início da palavra no corpo</i> .....	178
<i>Alphonsus e Barthes: fotografias e mimesis da palavra</i> .....	197
<i>Mimesis de monumentos</i> .....	214
<i>A criança é descendência</i> .....	220
<i>A casa cai: nem monumento, nem palavra. Mistério</i> .....	226
<i>O início de uma estrutura</i> .....	238
<i>Enigmas inconclusivos</i> .....	242
<i>Notas</i> .....	244
9. SERESTANDO MULHERES, EM PALAVRAS .....	251
<i>Mapa do caminho</i> .....	251
<i>Corpo Palavra Palavra corpo O corpo das palavras</i> .....	253
<i>Corpo Desmontagem</i> .....	261
<i>Cartografia dos corpos</i> .....	271
<i>Corpo SerEstando</i> .....	273
<i>Corpo Mãe</i> .....	279
<i>Corpo Dona Maria</i> .....	286
<i>Corpo Maroquinha</i> .....	292
<i>Corpo Rua</i> .....	302
<i>Corpo Infância</i> .....	314
<i>Corpo Nataly</i> .....	319
<i>Corpo Velha</i> .....	325
<i>Voos</i> .....	334
<i>Notas</i> .....	344
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	347
<i>Catálogo</i> .....	358
<i>Documento sonoro</i> .....	359
<i>Imagem em movimento</i> .....	359
<i>Site</i> .....	359

## CARTA AOS LEITORES

Belo Horizonte, 22 de maio de 2020.

Queridos leitores,

Deu uma vontade de escrever uma cartinha para lhes contar deste livro, e aqui estou.

A cada ano que passa, não canso de me emocionar com os trabalhos do Lume. E lá se vão 35 anos...

Com a leitura de *Práticas teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos* não foi diferente. Riso, nó na garganta, cérebro fervendo, atenção dilatada, curiosidade, coração quente, vontade de abraçar, de encontrar, voar, ser pluma, hélice, asa, ventania, luz...

Guardo o Lume no coração desde que o conheci. Lume diverso, Lume perto e ao longe. E, antes de falar deste livro e lhes dizer da alegria de saboreá-lo, preciso contar que o Lume foi e ainda é importante para mim como um alimento precioso e gostoso de sentir, algo que me encoraja e dá prazer quando trago para o meu corpo.

Sabor de Lume.

Vou escrevendo para vocês e também rindo ao me lembrar de vários encontros com o grupo. Passam por minha cabeça muitas memórias de cursos, festas, conversas, congressos, encontros, trabalhos, além das que tenho com as leituras. Memórias de *corpo-em-arte*. De alegria e ação, o Lume entende bem. E de amor.

Humberto Maturana, cientista latino-americano, diz que o amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua, em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humanos ou não. Ou seja, é pelo cultivo do amor que nossa existência ganha sentido, ganha reconhecimento. É no solo do amor

que aprendemos a caminhar bem ao nos ocuparmos, também, com o bem-estar do outro, permitindo-lhe que viva em sua melhor presença.

Sabe, eu olho para o Lume e suas múltiplas presenças, ainda que configuradas como um grupo teatral, ou como algumas composições específicas, e em mim se apresenta uma vibração que escuto como o prazer do estar junto. Neste livro estão juntos, especialmente, Renato Ferracini, Raquel Scotti Hirson e Ana Cristina Colla, ressoando ainda as escrituras corporais de outros companheiros do próprio Lume e de outros coletivos temporários coexistidos com eles.

Falo da alegria, da ação do Lume, mas o grupo também já viveu dores. E, com elas, demonstrou uma forte capacidade regenerativa de ressurgir de sofrimentos. Penso que o teatro lhe deu isso! O teatro performativo e sua potência movente deram ao Lume o prazer fundado nas amorosidades treinadas de cada um. Assim, as dores vividas foram reelaboradas em ações artísticas vitais, e sobre elas vocês poderão ler neste livro.

Maturana comenta que a dor pode ser transformada em uma oportunidade rica de elaborar perguntas, de transformar afetos. Mas, obviamente, não queremos a dor. Nem como motivadora de processos de pesquisas criativas ou de aprendizagens.

Preciso lhes falar que, ao ler este livro, ouvindo aqui sobre os dez primeiros anos de trabalho do Lume, anos de treinamentos de ator bastante desafiadores, com dores, e tendo vivido e testemunhado também trabalhos com mestres teatrais, cada vez mais eu me preocupo em difundir uma pedagogia mais humanista e pacifista para a atuação. Sequer trabalhos que se inspirem em algum tipo de competição, mesmo esportiva, me causam receio. Junto à mímica corporal e ao teatro físico sabemos que o alto rigor do trabalho corpóreo exigido pode gerar muitas dores. Mas o rigor necessário do trabalho não precisa, mesmo, ser opressivo, ressentido, agressivo ou mal-humorado, não é? Assim, ainda que eu possa compreender que determinados processos de treinamento de ator possam carregar em si um alto grau de dificuldade física e emocional, isso pode ser desenvolvido sem *bullying*, sem assédio moral, sem microagressão, sem uso de estereótipo para categorizar alguém que não atinge, num dado momento, o que é demandado, sem discriminação, sem manipulação, sem piadas ruins, sem abusos de poder e sem sexismo. Não precisamos disso. Sou totalmente contra um padrão de comportamento emocional violento como condição para que alguém aprenda e crie algo na arte da cena, como também não me identifico

com a conduta da competição nas manifestações performativas. O trabalho do Lume se faz também importante pelo fato de que o grupo tem uma visão crítica sobre processos que não são amorosos na pesquisa, na criação, na transmissão ou mesmo em uma residência artística.

Não precisamos, necessariamente, aprender arte com dor ou fazer arte com dor. O Lume compreende isso. No entanto, ela, por muitas vezes, é uma visita que aparece, indesejável, mas aparece. O Lume também entende e vive isso. Há uma inevitabilidade nessa aparição que diz respeito à necessidade de “descermos no corpo colocando escadas até as nossas profundezas” (para lembrar Hijikata, que diz ainda para “caminharmos também juntos com compaixão”), de entrarmos em contato com nossos limites, de desautomatizarmos nosso corpo e nossos sentidos, de dilatarmos nossa vida (para lembrar Étienne Decroux). Mas, enfato, existem dores que não precisam ser criadas para além dessas. Pois essas, sabemos, não dá para colocar vassoura de ponta-cabeça atrás da porta de entrada quando elas nos visitam... E elas nos visitam. Há que as viver e as transformar.

Nos textos e imagens aqui partilhados, vocês vão encontrar pequeninos trechos que falam sobre uma das grandes dores vividas pelo Lume: a perda do mestre Luís Otávio Burnier. Mesmo após 35 anos de existência, é admirável a percepção do Lume sobre a conduta visionária de Burnier na definição inicial de diretrizes de pesquisa artística com o grupo. Sim, perdê-lo foi uma grande dor. Mas muito se produziu pelo Lume depois da ausência física desse professor pesquisador, é fato. Aqui no livro vocês tocarão em diversas pérolas originadas em um percurso de muito trabalho, suor, dor e prazer, com revisões e inovações após as orientações iniciais de Burnier.

Vocês conhecerão como o Lume se organiza hoje, irão testemunhar as metáforas de trabalho dos autores-atuadores-pesquisadores do Lume, Renato, Raquel e Ana Cristina, ou seja, a língua de suas práticas atorais. Acompanharão como algumas pesquisas de ator são sistematizadas por eles no fazer e no coletivo, especialmente pelo modo cartográfico. Mas verão também processos criativos de solos e sua potência de criação com o público, a *escutação*. Poderão fazer um exercício de imaginação ao escutarem Carlos Simioni falar, em entrevista a Alice Possani, do árduo trabalho de seu treinamento como ator na descoberta do “fluxo energético” dentro do corpo, para ver “a luz que sai do corpo”, ou seja, verão seu testemunho sobre como os mestres querem que seja tirado de si “o que está escondido”...

Vocês acompanharão e entenderão como pode ser longo, mesmo, um tempo de laboratório de pesquisa nas artes da cena e como é preciso, constantemente, rever processos, compreender que recursos estão faltando, que procedimentos devem ser revistos, identificar resultados.

É bem emocionante poder escutar Simioni e perceber como ele se tornou uma liderança importante de pesquisa prática no Brasil e no exterior, com seus *workshops*, laboratórios moventes. E verificar seu pioneirismo e o de Burnier no campo da pesquisa do treinamento de ator no Brasil, ou seja, o alicerce do trabalho de pesquisa do Lume sendo construído. Simioni nos conta aqui o quanto o Lume “abriu” suas pesquisas de atuação e como ele pode, com o grupo, revisar, criar procedimentos e inovar, diferentemente dos trabalhos com o Grupo Odin.

É comentado neste livro como Burnier deixou para todos a conduta do “compartilhar”. E esta publicação é um compartilhamento sem fim, generoso, sobre práticas teatrais contemporâneas, presenças, treinamentos e processos performativos.

Quando Jesser de Souza fala sobre sua pesquisa com a cultura popular, com a presença brincante, os estudos comparados sobre os estados-limite de um mestre da cultura popular e de um ator da cena profissional do teatro, é algo também instigante, especialmente para nós, brasileiros. E é também uma alegria poder divulgar que mestres da cultura popular brasileira podem ter atuações comparáveis às de mestres do teatro oriental. Treinamentos como desenvolvimento de uma ética, sobretudo de um cuidado que também envolve o outro, com a escuta do outro, é algo muito enfatizado.

Há em todo relato aqui presente o caráter movente de uma aprendizagem, de uma experimentação realizada, algo transformador, relacional. E, assim, o Lume “vai sendo”, que é como Burnier o definiu. Bela definição.

O ator como um artesão engajado em sua ação é elogiado no livro. O ator que busca desenvolver e se sensibilizar com uma artesanaria que não se separa da arte, do “corpo-em-arte”, produtor de culturas materiais que são também pensamento.

A memória é um material rico, concreto, para uma pesquisa performativa no Lume, e vocês poderão saborear isso nos relatos de Raquel. A aplicação da metodologia de pesquisa de ator criada no Lume, que é a *mimesis* corpórea, também está detalhadamente mostrada. Ou eu poderia dizer



que se revelam aqui, por meio de Raquel, a passagem das pessoas-papel às personagens-memória, a criação da máscara-corpo, a aparição da figura híbrida performativa, o erguer da *mímesis* de uma casa no corpo da atriz, a construção da máscara corporal de monumentos... E eu fiquei com vontade de experimentar também mimo-objetos, mimomáquinas e mimoarquiteturas (para lembrar É. Decroux e J. Lecoq)...

É um livro que dá uma vontade de sair criando, *performando*...

Ana Cristina apresenta seu processo de criação quase ao modo de um livro de artista; na sua escritura-corpo performativa, instigante, é potente a presença feminina de muitas mulheres. Que homenagem! Que afeto! Há, assim, uma exposição de desmontagem de si própria, junto da criação com outros femininos, para além do ato de desmontagem na arte da cena, revisando, juntamente, a técnica da *mímesis* corpórea, adotando máscaras-segunda pele para se revelar no jogo de matrizes-*formas de forças* criadas. Quantas experiências podemos ver aqui do movimento como vibração interna antes de sua expressividade. E, além de tudo, um dançar de um corpo de 180 anos!

Mas deparamos também com depoimentos sobre a solidão do ato de pesquisar, o estar sozinho em sala de trabalho, no laboratório cênico, e se mover para criar com as suas ausências...

O Lume possui pesquisas artísticas excelentes no campo do teatro performativo, dentro do que denomino *artesanía de ator*, um modo de intensificação da experiência da presença do atador. E elas assim se configuram, na excelência, também, mas não somente, pelo rigor do trabalho de investigação que realizam em um campo em que, até pouco tempo atrás, parecia abstrato ou algo de difícil entendimento, especialmente para teóricos da cena, críticos e historiadores.

São pesquisas excelentes porque geraram e geram resultados. Socializam conhecimentos cênicos aos quais não teríamos acesso facilmente em determinados períodos, seja por meio da realização de traduções, seja por meio de cursos com professores artistas externos; inovam o fazer cênico na prática artística, fazendo da atividade de pesquisa cênica performativa uma prática que colabora para o melhor entendimento do percurso do processo criativo, apresentando, também, elaborações conceituais e um léxico fundamentado no fazer artístico. Além disso, agregam colaboradores e parceiros, desde estudantes universitários até mestres da cena internacional.

E ainda têm seguidores desde os tempos nos quais essa palavra não havia sido capturada pelo mundo digital, ou seja, eram (e ainda são) aprendizes do *criar junto*. Alguns deles, já artistas profissionais e pesquisadores artistas em pós-graduações em Artes da Cena, estão também presentes neste livro.

Assim, temos aqui uma ótima oportunidade de degustar alguns processos mais recentes das pesquisas práticas, ou seja, investigações baseadas nas práticas artísticas de ator, que Ana Cristina, Raquel e Renato vêm realizando e que abrem para nós “meandros invisíveis da atuação, da presença, do treinamento de processos criativos”, como eles próprios dizem.

Os relatos aqui presentes se fazem de coração aberto, plenos de sinceridade e do rigor de pesquisa no que diz respeito aos nós da labuta de um investigador artista, bem como compartilham as delícias de sentir um resultado conquistado. É admirável podermos conhecer, com riqueza de detalhes, algumas sistematizações feitas por esse grupo de pesquisadores artistas. Com isso, é-nos revelado que ser pesquisador artista é ir além da atividade prática profissional da arte da cena, fazendo florescer em si o desejo de perguntar sobre essa prática e de sempre ir além. E isso mostra a vontade de Renato, Raquel e Ana Cristina de dialogarem com eles próprios e com o mundo, em um ímpeto de avançar o conhecimento experimentado.

Pode-se dizer, assim, que as pesquisas performativas aqui compartilhadas são uma vivência de amor pleno, múltiplo, vibrante, energético, reflexivo, maduro, em continuadas ações fundamentadas no emocionar.

No tempo delicado em que vivemos, no enfrentamento árduo e cheio de dores da pandemia pela Covid-19, eu não poderia deixar de falar desse emocionar. A ciência poderia viver mais o emocionar, o amor, o compartilhar, o cooperar, pois o cuidado de si e do outro, cuidado com o mundo, é o que, para mim, garante sobretudo nossa existência como espécie. Mas tal cuidado não deveria surgir com a intenção pragmática de somente sobrevivermos, mas sim de vivermos um bem comum amoroso.

A arte da cena, arte teatral, pode ajudar (e ajuda!) muito nisso. A vida de trabalho teatral do Lume, de pesquisa performativa relatada neste livro, revelada em sua diversidade de presença, elogia muitos princípios que caminham na direção deste bem comum amoroso: todos são capazes de aprender (princípio freiriano); aceitam e respeitam a si próprios e o outro com consciência artística, cultural, social e ecológica; as ações se fazem com responsabilidade, alto rigor de

estudo e liberdade no ambiente no qual se vive; elogia-se o compartilhamento e pratica-se a cooperação; brinca-se e relaciona-se com o imaginário, com a poesia, de modo amplo; conversa-se; sonha-se.

Ah, leitores, quantos sonham com um amor... Mas por que idealizá-lo? O amor é algo muito próximo, presente. E, neste livro, o Lume nos mostra isso de várias maneiras. Sabe, eu penso que há também no Núcleo um laboratório de *biologia do amor* e que Maturana se encantaria em conhecê-lo...

Falando em laboratório, pensem comigo: quantos núcleos de pesquisa em artes da cena, vinculados a uma universidade pública, existem hoje no Brasil? O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais (Lume). Essa integração, pela qual Burnier tanto zelou, vem sendo continuada, fortalecida, aperfeiçoada e inovada. Esse núcleo hoje abriga pesquisadores artistas reconhecidos academicamente, além do reconhecimento já existente de sua produção artística ali gerada. Ou seja, é um núcleo com marcas fortes, como aqui no livro é citado por Sueli Rolnik: “[marcas] estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro”...

O outro e a presença. A presença em mim. Presença coletiva. A presença que não mais quer distinguir os seres entre animados e inanimados. A presença que é criação na relação com o outro. Todos os outros possíveis. A “seresta de encontros”, o *serestar*...

A noção de presença tem espaço importante nas reflexões aqui apresentadas. E o modo como ela é aqui compartilhada, reelaborada, dá sentido especial às artes presenciais: “uma força ontogenética poética imanente que intensifica e potencializa uma relação corpórea com a capacidade de transformar os corpos envolvidos. É um ato de inventividade corpórea coletiva”, diz Renato.

Ao falar de presença nesta perspectiva, uma presença radical, penso na corporificação da presença por Antonin Artaud ao ver a atuação de Jean Louis Barrault em um “maravilhoso cavalo-centauro”, como ele próprio diz, em uma composição possivelmente baseada na pesquisa prática inicial da mímica corporal de Decroux, de quem Barrault era na época aprendiz. Ao deparar com a corporificação de uma pesquisa ali apresentada por Barrault, Artaud, público, se intensifica, se emociona, vive profundamente aquele momento. Ele comenta em seu livro *O teatro e seu duplo*: “Há nesse espetáculo uma força secreta e que ganha o público tal como um grande amor conquista uma alma pronta para a rebelião”.

Convido vocês, leitores, a pensar sobre a questão da presença a partir do que aqui lerem e movendo-se também para um futuro próximo, pós-pandemia. Que tema teria maior interesse? Sobre que tema nós poderíamos conversar que incluísse também o escutar a si e as questões do outro?

Precisamos conversar sobre a experiência da presença e o movimento a que ela nos convoca! E isso significa conversações sobre ética embasadas em uma vivência que seja potência de contestação. “Presentar-se” é contestar. É vibrar uma luz na obscuridade. É rebelião.

A presença deste livro se faz, assim, imprescindível para falarmos de amor e da “sobrevivência dos vaga-lumes”, lembrando aqui do título do livro de Georges Didi-Huberman. Renato, Raquel e Ana Cristina criaram um livro de práticas teatrais que não é para uma estante. É um livro que nos convida ao ato imediato, que nos incentiva, que nos lembra da humanidade em nós e de nossos desejos mais profundos.

É um livro que fala da força extraordinária de leão que pode emanar de nós.

É um livro, leitores, para sonâmbulos diurnos, para todes que sonham, para artistas. Um livro que dança, que voa, que pisca luzes.

É um livro escultura movente que traz a cultura material de atores.

É um livro sério e divertido. Práticas teatrais para emocionar.

Agora, permitam-me, já é lua nova e vou apagar as luzes. Lá fora estão chegando os vaga-lumes... E como brilham!

Lembrei-me de Drummond: “Eu não devia te dizer, mas essa lua, mas esse vinho botam a gente comovido como o diabo”... (Ah, era conhaque, mas tudo bem...)

*Bonum vinum laetificat cor hominum!*

Um beijo carinhoso,  
Bya Braga